

Por uma Linguística Textual Brasileira: resenha de 'Linguística Textual: conceitos e aplicações', de Cavalcante *et al.* (2022)

Towards a Brazilian Text Linguistics: a review of *Text Linguistics: Concepts and Applications* by Cavalcante *et al.* (2022)"

João Victor de Oliveira FARIAS*^{ID}

Ananias Agostinho da SILVA**^{ID}

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

Resenha recebida em: 23.06.2025

Resenha aprovada em: 23.10.2025

Os estudos em Linguística Textual (LT) progrediram de forma bastante significativa no Brasil, especialmente a partir do início dos anos 2000, conforme atesta o grande número de pesquisas e produções realizadas na área a partir de então. Esse desenvolvimento é fruto do amadurecimento teórico da disciplina, decorrente da consolidação de diversos grupos de pesquisa de várias universidades brasileiras, que passaram a investir fortemente na investigação de variados temas relativos ao texto. O progresso da área no país tem, inclusive, permitido se falar de uma LT brasileira, enquanto disciplina autônoma e relativamente emancipada de perspectivas europeias. Esta autonomia, contudo, foi construída em um fértil e crítico diálogo com as tradições europeia e norte-americana.

* Mestrando em Ensino pelo POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN). Professor Efetivo de Língua Portuguesa da Rede Estadual (Rio Grande do Norte), Mossoró, RN – Brasil. jvfarias008@gmail.com

** Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015). Professor adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, RN – Brasil. ananias.silva@ufersa.edu.br

A LT brasileira inspirou-se inicialmente em fontes, como Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang U. Dressler, que estabeleceram os sete critérios de textualidade, e de Jean-Michel Adam, com sua teoria das sequências textuais. Afastou-se, progressivamente, de abordagens mais formalistas ou exclusivamente centradas na cognição, como as de Michel Charolles ou Teun A. Van Dijk, cujos percursos, vale notar, migraram para outros domínios, como os Estudos do Discurso. A consolidação de uma "LT brasileira" deve ser entendida, portanto, não como um isolamento, mas como uma apropriação seletiva e uma reelaboração criativa dessas influências, orientada para a análise do texto em sua dimensão situada e interacional.

Em seus estudos mais contemporâneos, a LT brasileira tem se voltado para a análise do texto como unidade de comunicação situada, tendo em sua agenda de trabalho temas como a coerência textual, os processos referenciais, os gêneros do discurso, a intertextualidade, o contexto de produção e recepção dos textos, entre outros tópicos. Particularmente, convém destacar, o atual interesse da disciplina pela argumentação, que, mesmo não teorizando sobre, a têm incluído, por diferentes conduções metodológicas, como um pressuposto inegável de todo texto e, por isso, como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual (Cavalcante, 2016).

Além dessa pauta, os pesquisadores da área, têm, também, demonstrado um grande interesse em aplicar fundamentos teóricos da LT ao ensino de leitura e de escrita na escola, a fim de potencializar a aprendizagem dos estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, um dos principais documentos normativos da educação brasileira, ao evidenciar a importância do trabalho pedagógico com o texto, os gêneros do discurso e as práticas de interpretação e produção, parece alinhar-se epistemologicamente a muitos dos princípios defendidos pela LT brasileira, como a centralidade do texto enquanto unidade básica de ensino, a valorização dos processos de construção de sentido e a atenção aos contextos de uso da linguagem.

Nessa conjuntura, merece destaque a imensurável contribuição da professora Mônica Magalhães Cavalcante (*in memorian*) na implantação de uma proposta teórico-metodológica para a LT. Professora da Universidade Federal do Ceará por mais de trinta anos, a sua atuação junto ao Grupo de Pesquisa Protexo sedimentou um programa investigativo que contribuiu e contribui substancialmente para os estudos dessa disciplina. Em sua vasta produção, merece destaque uma de suas obras mais recentes, o livro “Linguística Textual: conceitos e aplicações”, publicado em 2022, pela Pontes Editores.

Essa produção marca os vinte anos de pesquisa do grupo Protexo, do qual pertence o corpo de autores que assinam o livro, constituído de pesquisadores de diversas instituições do Brasil. Trata-se de uma obra de autoria múltipla, cujos capítulos foram elaborados por diferentes pesquisadores integrantes do Protexo. O livro conta com a coautoria de vários autores que enriquecem a obra ao incorporar olhares de diferentes contextos acadêmicos nacionais.

Primeiramente, quanto à estrutura, o conteúdo da obra é organicamente distribuído em oito capítulos, sendo cada um deles dividido em três seções, nas quais são apresentados e discutidos fundamentos teóricos consolidados da LT, bem como sugestões didáticas e práticas voltadas ao ensino da língua portuguesa na Educação Básica, com orientações pedagógicas diretas para o professor de português, mas suficientemente flexíveis para sofrer adaptações às particularidades de cada turma, o que proporciona a aplicação das sugestões em diferentes contextos de ensino e níveis de escolaridade.

É importante salientar que essa estrutura tripartite: fundamentação teórica, discussão aprofundada e sugestões didáticas, se repete de forma sistemática em todos os capítulos, garantindo ao leitor, especialmente ao professor, um instrumental prático e teórico ao final de cada unidade.

O capítulo que inaugura o livro, denominado de "Texto, coerência, contexto e discurso", assenta essas noções teóricas, consideradas como basilares no quadro da

disciplina. A noção de texto é centralmente colocada como unidade de comunicação e sentido situada em contextos específicos de interação. Nessa perspectiva, o texto é um processo dinâmico de construção de sentidos, orientado pelas condições de produção, pelos interlocutores envolvidos e pelas intenções comunicativas.

Destaca-se, ainda, a ênfase na natureza dialógica dessa construção, que pressupõe a presença de vozes múltiplas, de relações intertextuais e de negociações de sentidos ao longo da interação. Essa concepção, que parte de autores clássicos da LT, como Beaugrande e Dressler, se funda em autores contemporâneos da própria LT e da Análise do discurso, como Jean-Michel Adam, Ruth Amossy e Marie-Anne Paveau, para expandir a noção clássica de texto e considerar sua inserção em contextos digitais e o seu caráter tecnodiscursivo.

Nessa linha, sobre o conceito de contexto, há um direcionamento a partir da noção de ambiente ecológico de Paveau (2021), que considera, na produção do texto, não só os elementos linguageiros e a situação imediata de comunicação, mas também ao ações e reações, o objetos e materiais relacionados na interação, sejam eles ordem tecnológica ou humana. Assim, o contexto é definido como sendo a conjugação de aspectos variados (fatos, valores, crenças, situação de interação, objetos, materiais, recursos etc.), não sendo equivalente à definição de discurso, para a qual é reservada uma ideia próxima ao pensamento de Maingueneau (2010), para quem o discurso é assumido em textos no âmbito de toda uma interdiscursividade e somente se atualiza quando os textos se constroem nas interações e são assumidos no "dizer" dos locutores.

A perspectiva teórica que permeia a obra, portanto, é marcadamente híbrida e interface. Ela não se limita a uma LT estrita, mas constrói uma ponte sólida com a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Conceitos centrais para a AD, como enunciação, discurso, interdiscurso, ethos, pontos de vista e a própria noção ampliada de argumentação, são incorporados como ferramentas analíticas fundamentais para a compreensão do texto. Pode-se afirmar que a obra opera uma interface entre a LT e a AD, onde os objetos tradicionais da primeira (como coerência, referenciamento,

sequências) são reinterpretados à luz de categorias da segunda, resultando em uma abordagem que podemos denominar de Linguística Textual Discursivamente Orientada. Esta opção teórica é uma das marcas registradas do Protexo e confere à obra sua originalidade e profundidade analítica.

Cavalcante *et al.* (2022) destacam a coerência como principal recurso de textualização: a coerência é tida como condição do agir colaborativo entre os agentes do contrato comunicativo¹. Nesse sentido, não se trata de uma propriedade intrínseca ao texto, mas é entendida como uma condição fundamental para o agir colaborativo entre os agentes envolvidos no contrato comunicativo. Ela emerge da interação entre os interlocutores, sendo fruto da articulação entre os conhecimentos compartilhados, as intenções comunicativas e as condições contextuais que orientam a produção e a interpretação do texto. Todas as estratégias acionadas pelos locutores na confecção de um texto são arranjadas em função da coerência.

O segundo capítulo trata das noções de "Enunciação e a interação", que dão título ao capítulo. Os autores defendem que "a enunciação permite ao indivíduo interagir com o outro pela língua e, por isso, é um ato fundante da linguagem" (Cavalcante *et al.*, 2022 p. 55). A reflexão aproxima-se da perspectiva enunciativa de Benveniste, ao apontar que os elementos estruturais da língua ganham sentido ao serem empregados por um locutor que estabelece um interlocutor e se concebe como sujeito do enunciado, mas vai além, ao incorporar discussões a respeito da tecnodiscursividade em ambientes digitais. Em síntese, a enunciação é definida como o próprio ato de enunciar, e o enunciado é aquilo que venha a ser dito, produto da enunciação.

Nesse ponto, Cavalcante *et al.* (2022) assinalam uma importante distinção entre locutor e enunciador, retomando as contribuições de Ducrot e de Rabatel. Enquanto o locutor corresponde mais ao sujeito empírico, a pessoa real que produz o enunciado

¹ A noção é pensada a partir de Charaudeau (2021) para referir ao conjunto de normas, acordos, que resultam em um direcionamento coordenado das trocas comunicacionais.

em uma situação concreta de comunicação, o enunciador refere-se à instância discursiva que se manifesta no interior do enunciado, por meio da expressão de pontos de vista. Essa diferenciação evidencia que o significado de um enunciado não se restringe ao seu conteúdo semântico, mas carrega uma perspectiva, uma posição enunciativa que revela como o locutor se coloca frente ao que diz. Ao produzir um enunciado, o locutor constrói vozes discursivas que encarnam diferentes posições enunciativas, de modo que o locutor do enunciado nunca é uma voz neutra ou isolada: ele sempre incorpora, ainda que de forma implícita, o ponto de vista de um enunciador.

Intitulado de "Argumentação", o terceiro capítulo centra-se na argumentatividade constitutiva de todo texto. A partir da Teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy, os autores defendem que "todo texto é argumentativo porque há sempre pontos de vista gerenciados por um locutor" (Cavalcante *et al.*, 2022 p. 97). Esta visão confronta diretamente a ideia, ainda comum em salas de aula, de que apenas alguns textos são argumentativos. A esse respeito, defendem que a argumentatividade não é flagrada somente pela tipologia de um texto, pois as evidências de que há pontos de vista que dialogam podem se expressar por diferentes marcações.

Os autores sugerem que todas as formas de textualização evidenciam, de diferentes modos, usos estratégicos na construção dos sentidos. Por esse motivo, a argumentatividade não aparece apenas em textos organizados estruturalmente para a explicitação de uma tese e dos dados que a amparam, pois variados mecanismos linguístico-textuais ajudam a sinalizar pontos de vista. Aqui, as noções de dimensão argumentativa e visada argumentativa, caracterizadas por Amossy (2011), são essenciais para a compreensão do funcionamento da argumentação nos textos, como é ressaltado no livro. A tese é de que existe um continuum de argumentatividade, que vai das tentativas de consenso ao dissenso total, próprio dos modos de argumentar polêmicos.

No quarto capítulo, a discussão sobre "Gêneros" parte de Bakhtin (2016) e de sua definição clássica de gêneros como padrões de textos relativamente estáveis, sendo complementada pelos estudos de Marcuschi, quando destaca que, ao praticarmos um gênero, precisamos dominar não só a sua estrutura organizacional, nem só as formas linguísticas esperadas, mas os modos de interagir nesse gênero, para realizar certos objetivos em situações sociais particulares, frisando também que os gêneros não se caracterizam nem se definem somente por aspectos formais, mas sim, pelos aspectos sociocomunicativos e funcionais.

A abordagem de gêneros adotada na obra, conforme descrita pelos autores, dialoga com os Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), os quais investigam como os gêneros surgem e funcionam em comunidades discursivas específicas para realizar ações sociais. No entanto, a análise linguístico-textual proposta não tem como foco principal a crítica ideológica inerente a essas ações (objetivo das análises críticas de gênero), mas sim compreender como a estrutura composicional dos gêneros, suas estratégias argumentativas e seus elementos interacionais influenciam a circulação e a recepção dos textos. Em outras palavras, o interesse recai sobre como a forma do texto (sua "estrutura retórica") e as escolhas linguísticas que sinalizam posicionamentos ("modalidades argumentativas") atuam no processo de comunicação ("círculo comunicativo").

O capítulo cinco trata das "Sequências e textos de incitação à ação", a partir da teoria de Jean-Michel Adam. Os autores analisam as estruturas que fazem com que se reconheça uma tipologia textual e permitem identificar um texto como: narrativo, descriptivo, argumentativo, explicativo ou dialogal. Apesar de reconhecerem a predominância de um tipo de sequência, assumem, como o fez Marcuschi (2008), que outras sequências sempre podem aparecer, assumindo, no texto, funções argumentativas importantes. Ao final, discutem sobre os textos de incitação à ação, classificados em muitas tipologias como injuntivos, mas classificados por Adam em uma categoria à parte, dada a frouxidão das macroproposições que os compõem.

O capítulo seis, intitulado de "Referenciação", representa uma mudança de enfoque na obra. Após abordar cinco capítulos dedicados a aspectos macrotextuais da análise em LT, os autores direcionam sua atenção, nesse momento, para o plano micro da pesquisa nesse campo. Sem que se proponha a traçar um panorama histórico exaustivo sobre os estudos da referenciação, o capítulo prioriza sua aplicação em contextos atuais, utilizando exemplos extraídos do domínio midiático e digital. Além disso, evita-se uma abordagem fragmentada do tema, optando-se por uma exposição esquemática de processos referenciais centrais na Linguística do Texto, tais como: introdução referencial, anáfora (direta e indireta), encapsulamentos e dêixis (com seus respectivos subtipos).

O sétimo capítulo, "Organização tópica", busca refletir sobre como um texto organiza/hierarquiza os seus referentes ao destacar informações relevantes sobre eles e agrupá-las em torno de ideias centrais. Assim, demonstram como os tópicos que constituem um texto são dispostos e como as informações relacionadas a eles se espalham de forma linear (horizontal) ou em níveis de importância (vertical). Essa estrutura, que define as relações entre os elementos temáticos e os organiza hierarquicamente em torno de um eixo principal, é que se refere à noção de tópico discursivo. Em um texto bem construído, todos os conteúdos ativados, articulados por meio de relações semânticas variadas, devem não apenas revelar esse núcleo temático, mas também ampliá-lo progressivamente.

Dois mecanismos interdependentes regulam essa dinâmica: a centração, que se refere aos processos textuais que conferem saliência ao tópico discursivo, assegurando seu reconhecimento como elemento focal; e a organicidade, que engloba os mecanismos que estabelecem conexões coerentes entre o tópico central e os demais conteúdos do texto, por meio de expansões, detalhamentos e articulações lógicas. Enquanto a centração garante a proeminência temática, a organicidade assegura o desenvolvimento coeso e progressivo das ideias em torno desse foco.

O capítulo final, intitulado de "Intertextualidades", encerra a obra com uma abordagem plural e contemporânea das relações intertextuais constitutivas do texto. A escolha pelo termo no plural não é casual: reflete a multiplicidade de formas dialógicas que permeiam os textos, gêneros e estilos discursivos. Partindo do legado bakhtiniano, os autores não apenas revisitam os fundamentos da intertextualidade, mas também demonstram como a LT operacionaliza esse conceito, oferecendo ferramentas analíticas pautadas em evidências concretas. Essa abordagem teórico-metodológica se materializa na distinção entre intertextualidades estritas - manifestas através de copresenças textuais, como citações, alusões e paráfrases, ou por derivações, como paródias e metatextualidade - e intertextualidades amplas, que englobam imitações de estilo e alusões difusas.

De modo geral, a relevância pedagógica desse arcabouço teórico merece ênfase. Ao sistematizar essas categorias, o capítulo oferece aos professores da educação básica um instrumental claro e objetivo para trabalhar a intertextualidade em sala de aula, transcendendo a abordagem superficial comum em alguns materiais didáticos. As atividades propostas no final do capítulo reforçam essa perspectiva, apresentando a intertextualidade não como mero recurso estilístico, mas como estratégia discursiva ativa, fundamental para a construção de sentidos socialmente situados. Essa orientação, aliada aos exemplos concretos, transforma o capítulo em um valioso recurso para a formação docente.

Ao avaliar a abrangência temática da obra, é importante considerar seu escopo declarado. O livro elegeu e desenvolveu com profundidade oito eixos fundamentais para a LT contemporânea, com um recorte claro que privilegia a interface com a AD. Contudo, essa opção implica a não abordagem de outros tópicos igualmente relevantes no campo, tais como: marcadores conversacionais, conectores e operadores argumentativos, modalizadores, o uso dos tempos verbais na construção textual, paragrafação, correção, parafraseamento, reformulação, parentetização,

retextualização e as complexas relações entre fala e escrita, incluindo estratégias específicas de construção do texto oral.

Esta lacuna não compromete o valor da obra para seu público-alvo principal – graduandos, professores da educação básica e pesquisadores iniciantes –, uma vez que ela cumpre com excelência o propósito de apresentar e aplicar um núcleo conceitual sólido e moderno. No entanto, o leitor em busca de um manual exaustivo que cubra a totalidade dos fenômenos textuais deverá complementar a leitura com outras obras de referência. A decisão editorial por uma abordagem profunda em temas selecionados, em detrimento de uma cobertura superficial e ampla, é legítima e resulta em um produto coeso e didático.

Ao examinar a obra em sua totalidade, percebemos seu duplo alcance: atende tanto ao público acadêmico quanto aos profissionais da educação básica, pelo que recomendamos a sua leitura. Para pesquisadores e estudiosos da linguagem, o livro apresenta um panorama atualizado dos desafios da LT brasileira contemporânea, mantendo o texto como objeto central de investigação. Já para os professores, especialmente os de língua materna, a obra destaca-se pela transposição didática de conceitos complexos, apresentando exemplos acessíveis, que ilustram a aplicação das teorias na prática docente. Essa dupla perspectiva consolida o valor da obra como ponte entre a pesquisa acadêmica e o cotidiano escolar.

Vale salientar, como epílogo a esta análise realizada, o recente lançamento da tradução para o inglês da obra: "Text Linguistics: concepts and applications" (2023). Essa internacionalização não apenas amplia o alcance do trabalho, como também posiciona a produção brasileira em LT no cenário acadêmico global, reconhecendo sua originalidade e contribuição para os estudos textuais. Essa tradução consolida o status da obra como referência fundamental no campo de estudo, ao mesmo tempo que projeta as pesquisas em LT desenvolvidas no Brasil para um público mais abrangente.

Referências

- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso.** Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução e posfácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Text Linguistics: Concepts and applications.** Campinas: Pontes Editores, 2023.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- MAINQUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.
- PAVEAU, M. A. **Linguagem e moral:** uma ética das virtudes discursivas. Tradução de Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.
- RABATEL, A. **Homo narrans:** por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2017.